EXPRESSÕES ANTIDEMOCRÁTICAS DA EXTREMA-DIREITA NA CONJUNTURA BRASILEIRA ATUAL: NEONAZISMO, NEGAÇÃO DO HOLOCAUSTO E ANTISSEMITISMO.

HELENA RAGUSA[1]

RESUMO

O trabalho em questão é parte de um estudo maior, o qual vem sendo desenvolvido e que, surgiu à medida em que a pesquisa avançava, mas principalmente quando os efeitos preocupantes oriundos da esfera política brasileira atual se fizeram sentir. Fruto da extrema-direita, a corrente que nega o Holocausto e que surgiu logo após 1945 não restringiu-se apenas ao âmbito europeu. No Brasil, ela chega na décadade 1980, no entanto, a apropriação de elementos que remetam ao regime nazista cada vez mais frequente e de alcance perigoso, vem, corroborando para um aumento expressivo no número de neonazistas e, por conseguinte, para o aumento do antissemitismo no país. A banalização, normalização e a negação da *Shoah* tornou-se uma constante na ação e na fala daqueles que atuam inclusive, no mais alto escalão do nosso setor político, apoiados numa crescente tendência negacionista e revisionistaincorporada pelos novos porta-vozes da história. Deste modo, refletimos aqui a partir dacategoria de análise adotada por Bodo Von Borries (2018) de *passado difícil* e em que sentido nosso passado se conecta a ela?

1 - Doutora em História Política pela Universidade Estadual de Maringá. Bolsista CAPES

Palavras-Chave
Negacionismo, revisionismo, Antissemitismo

ABSTRACT

The work in question is part of a larger study, which has been developed and that emerged as the research progressed, but especially when the worrying effects coming from the current Brazilian political sphere were felt. Fruit of the extreme right, the current that denies the Holocaust and that emerged soon after 1945 was not restricted only to the European scope. In Brazil, it arrives in the 1980s, however, the appropriation of elements that refer to the increasingly frequent Nazi regime and dangerous scope, has corroborated to a significant increase in the number of neo-Nazis and therefore for the rise of anti-Semitism in the country. The trivialization, normalization and denial of the Shoah has become a constant in the action and speech of those who act, even at the highest level of our political sector, supported by a growing negationist and revisionist tendency embodied by the new spokespersons of history. Thus, we reflect here from the category of analysis adopted by Bodo Von Borries (2018) of difficult past and in what sense our past connects to it?

KEY WORDS
Negationism, revisionism, Antisemitism

Bodo Von Borries, em seu estudo acerca das “histórias difíceis”, compreende aapreensão da História sob três condições: “se novas perspectivas podem ser ligadas comas antigas, se ela estiver conectada a emoções – negativas ou positivas – e se é relevantena vida” (BORRIES, 2018, p. 33).

A *Shoah*, este “crime imprescritível”, é um exemplo claro daquilo que denominou-se de uma “história difícil”, contudo relevante para a vida, ainda que não tenham sido encontradas narrativas históricas capazes de promover um sentido para esteevento, “um buraco na História” (RÜSEN, 2001). Tentar tirar algo de positivo ou capaz de transformar futuras gerações é um contrapeso que, de acordo com Michael Bess (2006), não existe.

Sobre a sensação de que é preciso falar de “crimes de natureza política”, como é o caso do extermínio judaico e de outros grupos nos campos de con-

centração nazista, Henry Rousso explica que esses pertencem a um regime de "historicidade singular" (ROUSSO, 2016, p. 221).

Ao mesmo tempo, a complexidade em lidar com esse "passado que não passa" em termos de pesquisa histórica não estaria relacionado apenas ao horror em si, afinal "o relato de horror é um claro imperativo histórico". No entanto, analisar, investigar, interpretar, escrever sobre os "traumas coletivos" só se torna uma "história possível" desde que o historiador encontre o "equilíbrio", uma vez que não existe uma fórmula (FRIEDLÄNDER, 2005, p. 65). Sem este cuidado, esta forma de tratamento, incorreríamos na "saturação"[2] a exemplo da "*Shoah*, a qual nenhuma memória foi mais objeto de vigilância contra os defensores do negacionismo, mas também nenhumamemória foi mais museificada, sacralizada, judicializada, ao mesmo tempo banalizada" (ROBIN, 2016, p. 20-21).

Encarar os fardos pesados da história (RÜSEN, 2009) é também "conciliar-se" com ela, vencer a vergonha, este sentimento "forte e desagradável", que, para algumas gerações, como aquela do contexto alemão pós 1945, se fazia sentir (BORRIES, 2018,p. 35).

A não reconciliação com um *passado difícil* implica em consequências perigosas, muitas das quais neste ritmo imposto pela aceleração midiática do tempo tem se alastrado rapidamente. Uma delas seria o neonazismo; outra, a negação da *Shoah* no contexto político e social brasileiro, uma tendência que surgiu na Europa ainda na década de 1940 – conforme nos situa Deborah Lipstadt (2016), pioneira na luta contra a negação do Holocausto – e que, desde a década de 1980, vem sendo debatida por historiadores que buscam explicá-la como uma forma de antissemitismo, um mitopolítico, teoria da conspiração e outros ainda que a veem como um "amálgama ideológico da extrema-direita contemporânea" (CASTRO, 2014, p. 7).

No Brasil, a questão da *Shoah* é algo que merece atenção. Faz parte do passadojudaico, o qual, por sua vez, se cruza com o nosso; no entanto,

[2]Saturação segundo Régine Robin, "por uma indiferença ao passado, por uma equiparação de 'demônios' nazista e comunista, por uma indistinção dos acontecimentos, uma ausência de escolha, de hierarquia dos males"; Saturação "por uma oscilação na compreensão da Shoah" e por último saturação dos "fantasmas de tudo guardar que acompanham nossa imersão no mundo virtual" (ROBIN, 2016, p. 22).

assim como outros *passados difíceis*[3] [3] de nossa história, ela entra para a lista das "comunidades de memória" empenhadas em apagar, distorcer, amenizar, subverter e obliterar a memória.

Assim como um espelho, quase tudo que ocorre no âmbito europeu reflete automaticamente no resto do mundo, e o Brasil não fica de fora. Referimo-nos aqui ao ressurgimento do antissemitismo contemporâneo, o qual vem chamando a atenção de estudiosos, pesquisadores e autoridades de diversas partes do mundo, atentos sobretudo às políticas engendradas por alguns setores da sociedade e que vêm contribuindo para a ampliação dos discursos de ódio e racismo, elementos centrais do antissemitismo.

Ao final de 2019, chamou a atenção a absolvição de dois jovens do Estado de Santa Catarina presos no ano de 2014 por colarem e espalharem cartazes em sua cidade com o símbolo da suástica e assinados por uma entidade chamada *White Front*.

Mesmo tendo sido denunciados pelo Ministério Público do Estado (MP) por crime de preconceito de raça por associação ao nazismo, o juiz teria entendido não haver indícios de que os réus estariam incitando o nazismo (G1 SC, 2019), argumento esse mantido mesmo após um dos acusados usar de sua rede social para divulgar uma foto com uma suástica.

FIGURA 1: "FRENTE BRANCA" HOMENAGEIA ANIVERSÁRIO DE HITLER EM SANTA CATARINA



Fonte: DIÁRIO CATARINENSE (2014, p. 1

[3]Refiro-me aqui ao passado escravista, à questão indígena, ao regime ditatorial da década de 1960 e ao comunismo, o qual perpetua-se como uma ameaça constante, torna-se terreno fértil para que fenômenos como o negacionismo sejam acolhidos, compartilhados e vivenciados.

Recentemente um brasileiro de origem judaica, de 57 anos, habitante do interior de São Paulo, foi espancado por 3 agressores:

> Durante a surra, os homens gritaram ofensas antissemitas. Quando a vítima agonizava no chão, os criminosos tomaram-lhe a quipá e rasgaram-na com um canivete. O homem, um representante comercial, caminhava sozinhoem direção à rodoviária de Jaguariúna, quando foi chamado de "judeuzinho verme", cercado e atacado (CONIB, 2020).

Não é comum a ocorrência de agressões físicas a judeus no Brasil, mas certamente elas ocorrem. As denúncias de apologia ao nazismo ou manifestações antissemitas em diferentes Estados brasileiros[4] tem aumentado consideravelmente da última década para cá e os casos que pareciam isolados, pela frequência e o modo como estão imbricados, levam a um novo cenário, como esse que há pouco demonstrei.

Na esfera virtual, os índices de ataques crescem vertiginosamente no país. O aumento de crimes desse tipo nos últimos anos vem chamando a atenção das equipes especiais das polícias civis de alguns estados brasileiros que monitoram todo e qualquer conteúdo de cunho intolerante na internet e que são classificados como crime de ódio.[5]

> Desde o início do ano 2000, a antropóloga Adriana Abreu Magalhães Dias vemmonitorando o nazismo na Internet. No começo, suas análises se davam em *sites* individuais com tendências neonazistas no país, mas agora, avançando na investigação,a pesquisadora busca abranger os fóruns coletivos e observa, dentre outras, uma *postagem antissemita a cada quatro segundos*; *uma postagem racista contra negros, pessoas com deficiência e LGBTs a cada 8 segundos* (SUGIMOTO, 2018, p. 1).

[4]Tais como os recorrentes casos de pichações ou cartazes pregados em casas, bares, escolas, universidades e postes de iluminação pública contendo símbolos da suástica, dizeres com saudações a Hitler e ofensas que aludem à linguagem usada pela propaganda nazista na Alemanha hitlerista.

[5]Num levantamento feito pela ONG *Words Heal the World*, 33 crimes de ódio foram registrados noano de 2018 no Brasil, destes o racismo lidera as ocorrências. Os dados podem ser conferidos no *site* da ONG (BUARQUE; CRETTON, 2019).

Em termos de alcance, percebemos num outro trabalho que a negação da *Shoah* no Brasil ficou mais evidente no ano de 2018[6]. Desde 2007, alguns países da União Europeia aderiram à lei que criminaliza a negação do Holocausto (ONU, 2007), dentre eles a Alemanha, onde inclusive também criminaliza-se a exibição de símbolos nazistas e a saudação nazista ao ditador Adolf Hitler ("Heil Hitler").

No Brasil, o antissemitismo é considerado como racismo de acordo com a Lei nº 7716/89, e sobre esta, o artigo 20, §1º, deixa claro que "fabricar, comercializar, distribuir ou veicular símbolos, emblemas, ornamentos, distintivos ou propaganda que utilizem a cruz suástica ou gamada, para fins de divulgação do nazismo" é crime, sob pena de reclusão que pode variar de dois a cinco anos e multa.

Para além deste consenso de que a *Shoah* e o Holocausto[7], quase três quartos de século depois, são uma "história viva", elencamos alguns marcos de nossa história política, os quais certamente não deixam dúvidas quanto aos passados que se cruzam, são eles: a entrega de Olga Benário à Alemanha de Hitler pelo então presidente Getulio Vargas, no ano de 1937; a própria participação do país na guerra ao lado dos aliados; a entrada dos judeus – grande parte de origem alemã – no Brasil, fugindo das perseguições nazistas e dos campos da morte; aos nazistas que para cá vieram e o mais recente marco, a criação do museu do Holocausto no ano de 2011, na cidade deCuritiba, o primeiro do país, do qual falaremos mais adiante.

ECOS DE UMA POLÍTICA NOCIVA: COMO COMEÇAM ONDE TERMINAM

"A História é filha do seu tempo", já dizia o historiador francês Lucien Febvre,e "o questionamento que orienta a nossa exploração do passado modifica-se segundo as épocas, as gerações, as transformações da sociedade e os percursos da memória coletiva" (TRAVERSO, 2012, p. 156-157).

Em um país como o nosso, em que o racismo ainda se apresenta como um desafio, o indígena é compreendido como "indolente" e "preguiçoso"[8], os delitos

[6]Sobre esse ver em *A negação na era da Web 2.0: a Shoah em cena.* Disponível em:https://npd.uem.br/eventos/ev/IXCIH. Acesso em: 15/03/2019.

[7]Não concebo a *Shoah* e o Holocausto como sinônimos; no entanto, reconheço o genocídio perpetradopelos nazistas contra ciganos e poloneses.

gravescometidos pela ditadura são colocados em dúvida, o comunismo perpetua-se como uma ameaça constante, torna-se terreno fértil para que fenômenos como o negacionismo sejam acolhidos, compartilhados e vivenciados.

"A História é filha do seu tempo", já dizia o historiador francês Lucien Febvre,e "o questionamento que orienta a nossa exploração do passado modifica-se segundo as épocas, as gerações, as transformações da sociedade e os percursos da memória coletiva" (TRAVERSO, 2012, p. 156-157).

Em um país como o nosso, em que o racismo ainda se apresenta como um desafio, o indígena é compreendido como "indolente" e "preguiçoso"[8], os delitos graves cometidos pela ditadura são colocados em dúvida, o comunismo perpetua-se como uma ameaça constante, torna-se terreno fértil para que fenômenos como o negacionismo sejam acolhidos, compartilhados e vivenciados.

Desde que surgiu e à medida que avança, a Internet tem se mostrado um campofértil, um "laboratório" para aqueles que buscam observar o comportamento político de alguns atores individuais e coletivos e a recém-eleição do capitão reformado Jair Messias Bolsonaro (PSL) à presidência do Brasil, como o 38º presidente desde a proclamação da República, é um bom exemplo para analisarmos.

Dentre as "técnicas de persuasão na propaganda eleitoral" do presidente atual, duas ao menos merecem destaque: o percurso da construção mercadológica que o levou ao poder e o *slogan* criado e usado para imprimir a "imagem de marca" que levou o candidato à simpatia popular, qual seja, "Brasil acima de Tudo, Deus acima de Todos".

A ascensão do ex-deputado federal (1991-2019) à presidência chama a atenção no sentido de privilegiar, dentre outros, a volta dos militares ao centro do poder e ascensão de uma "nova direita" encabeçada por ministros os quais não escondem em seus pronunciamentos a defesa do conservadorismo nos costumes da "família brasileira".

Disfarçado de democrático, mas dono de pronunciamentos polêmicos, muitos deles, quando ainda ocupava o cargo de deputado federal, Bolsonaro teve sua campanhamarcada "por elogios corriqueiros aos torturadores brasileiros, e por

[8]Declaração presente no discurso recente proferido pelo então vice-presidente, General Antonio Hamilton Mourão (PRTB), mais conhecido como General Mourão, ao participar, em Caxias do Sul, do primeiro evento público após ser anunciado na chapa presidencial no dia 06/08/2018 (PODER360, 2018).

ameaças de trancafiar oponentes políticos em campos de concentração" (TEIXEIRA DA SILVA, 2019, p. 309).

A linguagem violenta e totalitária, bem observada por Francisco Carlos Teixeira da Silva (2019), revela a "carga explosiva de violência" permanente no "cotidiano de uma 'revisão/negação' constante da história" e que, enquanto "testemunha ocular da história", percebo um agravamento da mesma (TEIXEIRA DA SILVA, 2019, p. 310).

Por mais de uma vez, o uso de analogias e usos de termos que remontam à *Shoah* – como esse que citamos há pouco – ou à política nazista estiveram e têm estado presentes nos discursos e declarações feitos não somente pelo então presidente, mas também pelos que no seu governo atuam ou até pouco tempo atuavam, como é o casodo ex-ministro da educação, Abraham Weintraub[9], e o ex-secretário da Cultura, RobertoAlvim[10].

Tudo começou após um relato feito pelo então presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, num encontro com membros da Igreja evangélica do Rio de Janeiro sobre sua viagem a Israel em abril de 2019 em visita ao museu *Yad Vashem*[11], em que sugeriu que, ainda que não deva ser esquecido, o Holocausto poderia ser perdoado[12]. Nomesmo ano, Abraham Weintraub, ex-ministro da educação, fez uso do nazismo para caracterizar o discurso proferido por uma filósofa, professora da Universidade de São Paulo, relacionando-o ao "discurso do terceiro Reich" (CAETANO, 2019, p. 1); no ano seguinte, por mais de uma vez, por meio de uma de suas redes sociais, Weintraub intensificou as comparações entre o período do Holocausto com o atual cenário político do país:

[9]Exonerado, conforme Diário Oficial, em junho de 2020, o ex-ministro foi na época acusado dedisseminar *fake news* e ameaças a ministros da corte (BRASIL, 2020a).

[10]Nome artístico de Roberto Rêgo Pinheiro, foi exonerado do cargo em 17/01/2020, conforme publicação em Diário oficial por associação ao nazismo (BRASIL, 2020b).

[11]Principal centro de recordação e educação do Holocausto de Israel (YAD VASHEM, 2020).

[12]Na época, a repercussão se deu tanto na esfera nacional como internacional e provocou as mais diversas reações, impactando inclusive na agenda política presidencial como o cancelamento de uma viagem que aconteceria, onde o presidente seria homenageado pela Câmara de Comércio Brasil-EUA. Ao que parece, os locais escolhidos pela organização para a cerimônia se recusaram a receber oevento (G1 BRASÍLIA, 2019).

FIGURA 2: MENSAGEM DE ABRAHAM WEINTRAUB NO TWITTER



Fonte: Weintraub (2020).

FIGURA 3: MENSAGEM DE ABRAHAM WEINTRAUB NO TWITTER



Fonte: Weintraub (2020).

Na primeira postagem feita em sua rede social, o ex-ministro comparava a açãoda Polícia Federal na investigação da *Fake News* com a Noite dos Cristais e ainda conclui sua manifestação com a expressão alemã *"sieg heil"* ("viva a vitória"), frequentemente usada pelos nazistas alemães. A analogia rapidamente repercutiu dentro e fora do Brasil. Aqui, instituições como a Conib (Confederação Israelita do Brasil) condenou a comparação:

FIGURA 4: MENSAGEM DA CONIB SOBRE FALA DE WEINTRAUB



Fonte: Poder360 (2020b).

Também houve reação por parte do Instituto Brasil-Israel, do cônsul-geral de Israel em São Paulo, Alon Lavi (SARDINHA, 2020, p. 1) e do Museu do Holocausto deCuritiba.

Na segunda postagem não foi diferente. Além das Organizações e Associações judaicas tanto brasileiras como do exterior, o cônsul de Israel em São Paulo e também da embaixada de Israel repudiaram a analogia feita pelo ex-ministro, comparando o cenário político brasileiro com o Holocausto por meio do uso da imagem que refere-se àfotografia mais conhecida como a "Menino judeu se rende em Varsóvia"[13] de 1943 (O ESTADO DE S.PAULO, 2020).

[13]De autor desconhecido, a fotografia foi considerada pela Revista Time "como uma das imagens maisinfluentes de todos os tempos" (TIME, 1943, p. 1).

O pronunciamento realizado pelo ex-Secretário Especial da Cultura, Roberto Alvim, em janeiro de 2020, para divulgar o Prémio Nacional das Artes (PODER360, 2020a) também integra a lista daqueles que vêm causando forte impacto midiático, principalmente nas redes sociais.

Com o objetivo de falar sobre arte e nacionalismo, o vídeo apresenta uma série de elementos, os quais dão indícios de que o discurso foi plagiado do ex-ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels (1897-1945)[14]. Claramente caricaturizado, Alvim parafraseou Goebbels, enquanto ao fundo tocava o compositor favorito de Adolf Hitler, uma ópera composta por Richard Wagner. A Cruz de Caravaca à direita do vídeo também remete à Cruz de Lorena, na França, devido à semelhança, muito embora pertençam a diferentes contextos.

FIGURA 4: COMPARAÇÃO DE ROBERTO ALVIM E JOSEPH GOEBBELS



Fonte: Jornalistas Livres (2020).

[14]No vídeo, é possível perceber, pelo cabelo, o traje e os gestos de Alvim, uma clara simpatia pelo entãoex-ministro alemão nazista.

Embora tenha dito que o ocorrido não passara de "mera coincidência", o modo explícito como escancara a política vigente no Brasil acabou colocando um fim no cargo até então ocupado.

Contudo, a exoneração de Alvim parece ter sido apenas uma resposta enérgica do governo aos diversos setores – judaicos e também não judaicos – da sociedade, que, principalmente por meio das redes sociais, demonstraram sua indignação.

Inúmeros e repetidos exemplos, me impelem, a partir da leitura deste texto em particular, invocar esse passado, qual seja, o do assassinato em massa de milhões de judeus na Alemanha nazista, algo claramente não superado e assim como em alguns países da Europa e nos Estados Unidos da América – "o nazismo, com certeza, não se esgotou no Holocausto" (CARNEIRO, 2002, p. 7). A aproximação com o totalitarismo do governo atual está presente. E é esse mesmo presente, conforme nos atenta Michael Oakeshott, que, em um entendimento prático, evoca o futuro e sobre este, neste caso emespecífico, também evoca o medo (OAKESHOTT, 2003, p. 59).

A banalização, normalização e a negação de eventos históricos amplamente comprovados como a *Shoah* na política brasileira atual tornou-se uma constante. Velada ou escancarada, a apropriação de elementos que remetam ao regime nazista vem, dentre outras, corroborando para um aumento cada vez mais expressivo no número de neonazistas[15] e, por conseguinte, para o aumento do antissemitismo no país.

[15] Sobre essa questão, ver o estudo realizado por Adriana Abreu Magalhães Dias (2007), intitulado *Os anacronautas do teutonismo virtual: uma etnografia do neonazismo na Internet*, onde a autora realiza um estudo etnográfico do racismo, do revisionismo e do neonazismo na Internet.

RECEBIDO em 18/09/2022
APROVADO em 30/11/2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESS, Michael. *Choices under the fire:* moral dimensions of World War II. New York: A. a. Knopf, 2006.

BORRIES, Bodo Von. *Jovens e consciência Histórica*. Organização e tradução deMaria. Auxiliadora Schmidt, Marcelo Fronza e Lucas Pydd Nechi. Curitiba: W.A.Editores, 2018.

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Projeto de Lei nº 4699/2012*. Brasília, 12 nov. 2012.Disponível em: https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=559424. Acesso em: 06 set. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. *Decreto de 20 de junho de 2020*. Brasília: DOU, 20 jun. 2020a. Disponível em: https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/decreto-de-20-de- junho--de-2020-262491716. Acesso: 31 out. 2020.

BRASIL. Ministério do Turismo. *Decreto de 17 de janeiro de 2020*.

Brasília: DOU, 17 jan. 2020b. Disponível em: https://asmetro.org.br/portalsn/wp-content/uploads/2020/01/DECRETO-DE-17-DE-JANEIRO-DE-2020-DECRETO-DE-17-DE-JANEIRO-DE-2020-DOU-Imprensa-Nacional.pdf. Acesso em: 02 fev. 2020.

BUARQUE; Beatriz; CRETTON, Marcio. Mapa do ódio no Brasil. Percepções e recomendações para políticas públicas. *Words Heal the World*. Manchester, 2019. Disponível em: https://www.wordshealtheworld.com/wp- content/uploads/2019/10/HATE-MAP-IN-PORTUGUESE.pdf. Acesso em: 02 nov. 2020.

CAETANO, Guilherme. Weintraub relaciona filósofa de esquerda ao nazismo e faz críticas a FHC. *O Globo*. Rio de Janeiro, 12 out. 2019. Disponível em: https://oglobo.globo.com/sociedade/weintraub-relaciona-filosofa-de-esquerda-ao- nazismo-faz-criticas-fhc-1-24015112. Acesso em: 01 nov. 2020.

CASTRO, Ricardo Figueiredo de. O negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. *Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura*, v. 22, n. 2, p. 5-12,jul./dez. 2014.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Holocausto*. Crime Contra a Humanidade. São Paulo:Ática, 2002 (Coleção Série História em Movimento).

FRIEDLÄNDER, Saul. A Wehrmacht, a Sociedade Alemã e o Conhecimento do Extermínio em Massa dos Judeus. *In:* BARTOV, Omer; GROSSMANN, Anita; NOLAN, Mary (org.). *Crimes de guerra*: culpa e negação no século XX. Rio deJaneiro: Difel, 2005. p. 53-66.

G1 BRASÍLIA. *Prefeito de Nova York comemora com ironia cancelamento de viagem de Bolsonaro*. Brasília, 4 maio 2019. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/05/04/prefeito-de-nova-york-comemora-com-ironia-cancelamento-de-viagem-de-bolsonaro.ghtml. Acesso: 01 dez. 2019.

GRANADO, Helena Ragusa. A negação na era da Web 2.0: a Shoah em cena. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA "História da América em debate: fronteiras, ensino e ecologia. 9., Maringá: EDUEM, 2019. p. 2182-2190.

LIPSTADT, Deborah E. *Denying the Holocaust*. The Growing Assault on Truth andMemory. New York: Plume, 2016.

O ESTADO DE S.PAULO. Após repúdio de Israel, Weintraub volta a citar nazismo:"Tenho direito de falar do Holocausto". São Paulo, 29 maio 2020. Disponível em:https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-repudio-de-israel-weintraub-volta-a- citar-nazismo-tenho-direito-de-falar-de-holocausto,70003318494. Acesso: 01 nov.2020.

PODER360. Weintraub chama operação da PF de "noite dos Cristais brasileira". *Poder 360,* 22 maio 2020b. Disponível em: https://www.poder360.com.br/governo/weintraub- chama-operacao-da-pf-de-noite-dos-cristais-brasileira/. Acessado em: 01 nov. 2020.

OAKESHOTT, Michael. *Sobre a história & outros ensaios*. Tradução Renato Rezende. Rio de Janeiro: Liberty Fund; Topbooks, 2003.

PODER360. Secretário da Cultura, Roberto Alvim cita ministro nazista em pronunciamento. *YouTube*. Brasília, 17 jan. 2020a. Vídeo (6 min 57 seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3lycKFW6ZHQ&t=5s. Acesso em: 12 nov. 2020.

ROBIN, Régine. *A Memória Saturada*. Campinas: Unicamp, 2016.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe*: a história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*: teoria da história: os fundamentos da ciência histórica. Tradução Estevão de Rezende Martins. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. *História da Historiografia*, n. 2, p. 163-209, mar. 2009.

SARDINHA, Edson. Judeus se revoltam com comparações ao nazismo feitas porbolsonaristas: "Basta". *Congresso em Foco.* Brasília, 30 maio 2020. Disponível em: https://congressoemfoco.uol.com.br/governo/judeus-se-revoltam-com-comparacoes-ao- nazismo-feitas-por-bolsonaristas-basta/. Acesso em: 06 dez. 2020.

SUGIMOTO, Luiz. Um mergulho no universo neonazista. *Jornal da Unicamp*, Campinas, 28 de setembro de 2018. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2018/09/28/um-mergulho-no-universo-neonazista. Acesso em 12/03/2020.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos. Corpo e Negacionismo: a Novilingua do Fascismo na Nova República, Brasil 2013/2019. *Locus - Revista de história*, v. 25, n. 2, p. 307-332, 2019.

TIME. *Jewish Boy Surrenders in Warsaw*. New York, 1943. Disponível em: http://100photos.time.com/photos/jewish-boy-surrenders-warsaw. Acesso: 01nov.2020.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar*: história, memória e políti- ca. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

ÊYAD VASHEM. The World Holocaust Remembrance Center. Jerusalem, 2020. Disponível em: https://www.yadvashem.org/. Acesso em: 20 set. 2020.